

# O QUE AS IGREJAS ESPERAM DO SEMINÁRIO

ENCONTRO DA ABIBET – OUTUBRO DE 2004

*Preparado pelo Pr. Isaltino Gomes Coelho Filho*

## O QUE AS IGREJAS ESPERAM DO SEMINÁRIO

*Preparado pelo Pr. Isaltino Gomes Coelho Filho*

Foi assim, com este título, que me comunicaram o tema que me caberia desenvolver neste encontro. Agradeço a confiança. Constantemente vivo a tensão entre duas vocações, a pastoral e a magisterial. Sei que há muitas pessoas mais capazes que eu para abordar o assunto, mas o viver nesta tensão me ajuda a poder falar sobre o assunto. São dois temas que me entusiasma, a igreja e o seminário. E eles se juntam nesta palestra.

Creio que a proposta contida no tema é saudável e necessária. Por muito tempo as instituições denominacionais não deram muito valor às igrejas, achando que estas é que lhes deviam alguma coisa. Ainda hoje há gente que quer controlar as igrejas, como se a instituição denominacional tivesse o direito de ficar zangada com elas, as igrejas. Estas têm se distanciado da instituição, nem sempre, mas muitas vezes exatamente por causa da postura imperial de muitos órgãos e executivos denominacionais. As igrejas tem boa memória e se lembram da Junta de Beneficência, Patrimonial, Juerp, a resistente Juratel, os colégios batistas, e outras dívidas da instituição. Tenho ouvido de muitos pastores reticentes à estrutura uma palavra de desconfiança para com esta. As igrejas precisam ser mais ouvidas. Inclusive pelos seminários. Os seminários dependem das igrejas, mais que de mensalidade de alunos (na realidade, em primeiro lugar, eles dependem da graça de Deus, como todos nós). Humanamente, os seminários devem às igrejas e dependem delas. Já ouvi diretor de seminário dizer que não precisa de igrejas porque sua receita toda vem de mensalidades de alunos. A razão alegada é que o seminário é auto-sustentável, financeiramente. A frase é não é muito feliz, resvala para a auto-suficiência e esquece que o seminário prepara gente vinda das igrejas e gente para as igrejas. E que se estas romperem com um seminário, sua fonte de receitas minguará. O seminário faz parte de um todo, e neste todo as igrejas estão inseridas. E ele é servo das igrejas locais, com toda a estrutura denominacional batista deve ser e não pode esquecer.

### PARA QUE SERVE UM SEMINÁRIO?

Registro duas palavras aqui, neste tópico. Uma, muita ouvida, é que *seminário não forma pastor*. Isto é óbvio. Mas não pode ser desculpa para o seminário não ter rumo ou propósito no tocante ao que pretende que o aluno venha a ser. Ouço muito esta palavra quando se critica alguma instituição de ensino teológico por preparo deficiente de seu produto final, em tom de defesa, por parte do seminário. Se não forma pastor, forma o que, exatamente? Bacharéis em teologia ou em educação cristã ou em música? A questão é: as igrejas estão olhando para os seminários procurando bacharéis ou pessoas para exercer o ministério, em suas diferentes facetas? Nossa necessidade, como denominação batista é de bacharéis, com diploma na mão, mas sem consciência do que fazer com ele com sua vida, ou é de ministros? E embora o termo “ministro” tenha uma conotação elevada em nosso contexto cultural, o termo alude a servos, e é assim que o uso nesta pergunta. As igrejas precisam de gente que as sirva. Seminário não forma pastor, mas a denominação espera que quem queira ser pastor passe por um seminário.

A segunda palavra é *para que serve um seminário*. Para muitos, para preparar obreiros. Meu bom e saudoso amigo Dewey Mulholland me ensinou que *a função principal do seminário é promover a glória de Deus*. Ele não é um fim em si mesmo, mas um instrumento para um determinado fim. E nesta visão de fazer parte de um todo, que já mencionei, deve lembrar que este propósito ele só pode alcançar em consonância com as igrejas. Um seminário deve formar servos, e o termo aqui é no sentido de servos para a obra de Deus. Os servos dos quais as igrejas precisam e

pelos quais procuram, para cumprirem sua missão, devem ser pessoas também encontradas no seminário. Mais que casa de profetas, o seminário deve ser casa de servos. Porque ser profeta é fácil. Qualquer um pode ser, se pensa em profeta como uma pessoa que acusa a tudo e a todos. Ser servo é mais difícil.

Um seminário serve para formar pessoas para servir às igrejas. Posso desagradar a muitos, mas é sempre bom ser coerente consigo mesmo, e eu quero ser coerente comigo. O seminário não é uma confraria de livres pensadores. Não é uma casa de mexericos teológicos. É uma casa de servos. Mais que casa de profetas. Profeta todo mundo quer ser. Porque faz a idéia de uma pessoa que diz o que quer, que não tem vínculos com ninguém, que se porta alheamente a tudo que não seja a sua perspectiva. Um servo deve ver a perspectiva alheia e pautar muito de sua ação por ela. Como um pastor. Neste sentido, aqui empregado, o pastor não é um profeta. Os profetas não tinham rebanho. O pastor tem rebanho. Tem pessoas de quem cuidar e tem uma comunidade à qual deve prestar contas, o que o profeta não tinha. Um seminário deve formar servos, gente que saiba trabalhar para os outros. Que queira servir. E que preste contas às igrejas, porque a igreja local é a pedra de toque do sistema batista.

#### O QUE AS IGREJAS ESPERAM DOS SEMINÁRIOS?

Para responder esta pergunta preparei dois formulários e me lancei a uma pesquisa. Um formulário se destinou aos pastores. Outro, aos líderes não consagrados a algum tipo de ministério. Eis os dois formulários, com uma breve explicação do que pretendia com cada um.

#### **Formulário 1 – Pesquisa ministerial para pastores**

1. Em seu ministério, o que você entende como uma lacuna, e que julga que poderia ter sido abordada no Seminário?
2. Na vida de sua Igreja, que contribuição você julga poderia ser fornecida pelo seminário?
3. Se você fosse procurar um pastor auxiliar, alguém de inteira confiança, a quem pudesse confiar o púlpito e aconselhamentos em sua ausência, que marcas gostaria de ver na vida dele?
4. Qual a relevância do Seminário, hoje, na formação de novos obreiros, à luz do que você vivencia como pastor?
5. Se seu filho uma ovelha muito chegada lhe dissesse que deseja ingressar no ministério, que tipo de seminário você recomendaria (pode escolher duas):
  - ( ) um reconhecido pelo MEC
  - ( ) um com forte ênfase filosófica
  - ( ) um com forte ênfase bíblica
  - ( ) um com forte ênfase missionária
6. Pessoalmente, sua filosofia de ministério, você a formou:
  - ( ) no seminário onde estudou
  - ( ) com colegas
  - ( ) em congresso denominacionais
  - ( ) congressos interdenominacionais

Eis o que pretendia com as perguntas:

1. Em que o pastor julga que o seminário deixou a desejar em seu preparo.
2. Em que o pastor julga que o seminário pode servir à sua igreja.
3. Caso o pastor julgue que o seminário o preparou bem, como ele gostaria que a pessoa que lidasse com ele, em segundo plano, tivesse sido preparada. Talvez ele veja melhor a necessidade de um obreiro nos outros, do que em si. É mais fácil ter senso crítico analisando os outros.

4. Como ele julga que os seminários devem preparar os novos pastores, à luz de sua experiência. Com isto se afere a questão 1.
5. O tipo de seminário que ele desejaria para a pessoa mais chegada a ele, para verificar o tipo de preparo que gostaria que esta pessoa recebesse. Novamente se volta à questão 1.
6. Aqui se verificaria se o pastor tem visão de ministério e o quanto o seminário influenciou nisto. Como o pastor lidera a igreja e lhe imprime uma visão de ministério, de onde a visão de ministério das igrejas está vindo.

As perguntas foram formuladas de modo a evitar resposta fechada, tipo sim ou não, esperando uma resposta que emitisse opinião. Os itens todos se relacionam com o mesmo ponto: o papel que o seminário deve desempenhar na formação de liderança. Mas não em forma de respostas tipo conceito, mas respostas elaboradas à luz de necessidades que estariam sendo compreendidas pelo consultado. Os pastores foram escolhidos de pontos diversos do Brasil e inclusive do exterior. Neste caso, de pastores brasileiros que trabalham no exterior. Vieram respostas desde Roraima ao Paraná.

## **Formulário 2 – Pesquisa ministerial para não pastores**

O formulário sobre o mesmo assunto, para não pastores, foi o seguinte:

1. O que você julga ser uma lacuna na formação dos pastores com quem tem vivido?
2. Na vida de sua Igreja, que contribuição você julga poderia ser fornecida pelo seminário?
3. Se você fosse o relator da Comissão de Sucessão Pastoral de sua Igreja e fosse definir o tipo de pastor para sua Igreja, que marcas gostaria de ver na vida dele?
4. Qual a relevância do Seminário, hoje, na formação de novos obreiros, à luz do que você vivencia como ovelha?
5. Se seu filho ou um crente muito chegou lhe dissesse que deseja ingressar no ministério, que tipo de seminário você recomendaria (pode escolher duas):
  - ( ) um reconhecido pelo MEC
  - ( ) um com forte ênfase filosófica
  - ( ) um com forte ênfase bíblica
  - ( ) um com forte ênfase missionária

Eis o que se pretendia com as perguntas:

1. Como a pessoa, que recebe ministração pastoral de alguém, vê a formação das pessoas que lhe ministram.
2. Em que este líder julga que o seminário pode servir à sua igreja.
3. Qual o perfil do pastor ideal, desejado pelo líder.
4. Se não há satisfação com os obreiros atuais, como o líder gostaria que o seminário trabalhasse o futuro obreiro?
5. O tipo de seminário que este líder desejaria para a pessoa mais chegada a ele, para verificar o tipo de preparo ideal. Aqui se aferem as perguntas anteriores. Foram permitidas duas sugestões para maior amplitude das respostas.

O mesmo sistema para as perguntas no primeiro formulário foi aplicado aqui. As pessoas pesquisadas foram escolhidas entre diaconos, professores de EBD, pessoas engajadas nas igrejas. E também de vários lugares. Desde o Amapá até o Paraná. Alguém perguntará pelos ministros de música, de educação religiosa, de evangelismo, e de muitas outras áreas. Reconheço que não houve perguntas sobre estas outras funções, mas, *mutatis mutandis*, se pode aplicar a estas classe de

ministros algumas das questões aqui abordadas. Porque as respostas se aplicam aos obreiros. E a avaliação não era dos servos, mas dos seminários. A questão foi ver como as pessoas que exercem liderança avaliam o produto final de nossos seminários. Os nomes são de pessoas que exercem influência em suas igrejas, e algumas em raio maior que o da sua igreja.

A pesquisa não foi extensa. Recebi exatamente 60 respostas. Trabalhei com este número. Pode parecer que foram poucas respostas. Mas elas são indicativas do que se pensa na liderança batista sobre o preparo ministerial. Os pastores consultados são de várias faixas etárias, mas todos são ativos e são vistos como obreiros engajados e formadores de opinião em suas regiões. Os não pastores também foram selecionados por serem pessoas engajadas e também formadoras de opinião em suas regiões.

A questão, recebidas as respostas, foi como usá-las. Foram perguntas sobre o ministro e pelas respostas quis avaliar o seminário. O espírito com que trabalhei foi a do provão da gestão do Ministro Renato. Avaliar a instituição pelo aluno. Aqui, a instituição em geral, não uma escola em si. Não pedi que os pastores informassem onde se formaram. Mais uma observação: não houve possibilidade de percentualização em grau de satisfação ou insatisfação. Interessavam as opiniões, não o “satisfeito” ou “insatisfeito”.

Alistei quatro sinalizações na coleta e avaliação das respostas. As sinalizações, obviamente, estavam pretendidas na formulação das perguntas. A questão principal foi a análise das avaliações. As quatro sinalizações são:

1. O que o seminário deveria ensinar aos pastores e não está ensinando?
2. Como o seminário pode influenciar o caráter do obreiro?
3. Que tipo de seminário é o ideal, no entendimento da liderança das igrejas?
4. Onde os pastores estão formando sua maneira de conduzir as igrejas.

Vamos, então, por blocos.

#### O QUE O SEMINÁRIO DEVERIA ENSINAR AOS PASTORES E NÃO ESTÁ ENSINANDO?

Antes do comentário, uma observação. Aqui, a questão não é pedagógica. Não entro na área de coordenadoria pedagógica. Vejo o seminário como muito mais que uma escola acadêmica, transmitindo informação. Temos nos preocupado muito com este aspecto, e é bom que nos preocupemos, pois não estamos errados ao assim fazê-lo. O aspecto em que o seminário é mais visado pelas igrejas é no da formação. O seminário deve informar, sim, deve transmitir cognição. Mas deve formar, sim, e aqui insisto na questão de que forma liderança, e que caráter é importante para a liderança eclesial. Posso dizer algo, sem rebusco: as igrejas não estão muito satisfeitas com a liderança pastoral.

Importante líder não ordenado, trabalhando no norte do Brasil, foi objetivo: “Parece-me que há uma falha no ensino do que é ser Pastor conforme preconiza a Bíblia” (os comentários serão reproduzidos literalmente). Enumerei este formulário como sendo o formulário 1, para efeitos de documentação. A enumeração foi na ordem de uso, não de chegada. No item 2, contribuição que seminário pode dar à igreja, ele não vê em termos de cursos para os chamados leigos. Ele vê na preparação de pastores neste tom: “Formar pastores comprometidos com a Bíblia”. Um diácono, líder de expressão nacional, comentou: “Meus três pastores tiveram formação muito boa. No entanto, convivo com pastores, atualmente, com formação deficiente para a função pastoral de cuidar do rebanho, de alimentar as ovelhas. Existem deficiências menores em outras áreas, mas elas são supríveis através de outros membros (por exemplo, administração, finanças), porém, se o pastor não for ensinado e treinado, na prática, para cuidar do rebanho, e até para saber se realmente foi

chamado para o pastorado, vai ser difícil ser pastor” (Diácono V., no formulário enumerado como 2). Isto é interessante. Há áreas seculares em que um pastor pode ser suprido por líderes, mas nas áreas específicas ao ministério, ele deve ser bem treinado. Caberia ao seminário, como escola formativa, ensinar o aluno a trabalhar em equipe a receber orientação de suas ovelhas. Esta é uma falha, porque presumimos que o produto final de nossos seminários esteja preparado para liderar. Deveria estar preparado para saber trabalhar em equipe e ser assessorado e até orientado por gente que saiba mais que ele em certas áreas.

Outro líder, também do norte do Brasil, que inclusive presta serviços profissionais de excelente nível e alto valor financeiro pelos quais não cobra das igrejas (mostrando sua prestatividade e amor pela obra), assim se expressou: “Tenho observado que os atuais pastores têm uma fraca convicção da pessoa de nosso Jesus Cristo, e principalmente de quais são os reais desejos de nossos Deus para nossa vida, a idéia da teologia da prosperidade e da santificação do louvor nas igrejas é algo preocupante. Encontrar pastores preocupados com suas ovelhas, e dispostos a visitar seu rebanho também é uma raridade” (formulário 3). Não está no formulário, mas em conversa com este líder, que hospedei em minha casa, registrei essas palavras, como seguem: “A preocupação de muitos é mais consigo, em fazer carreira, como qualquer profissional ambicioso, que com o rebanho do qual deve cuidar” (conversa com F, em casa, 21/8/4). Este irmão investe tempo e recursos financeiros de grande monta nas igrejas, e se queixou da falta de amor pelo rebanho, da parte de muitos pastores. De certa forma, ele é secundado por um pastor, na sua primeira frase, ao responder o pastor sobre a lacuna em sua vida que o seminário poderia ter preenchido: “Estudo mais apurado acerca do Novo Testamento” (formulário 5). Outro pastor, de outro estado e de outra instituição de ensino, respondeu de maneira semelhante: “Um estudo mais minucioso e profundo da Bíblia, Novo e Velho Testamento” (Pr. C, formulário 6).

Uma irmã, do Centro-Oeste, evangelista pessoal, envolvida com abertura de trabalhos pioneiros, ganhadora de almas para Cristo, e pessoa de vida espiritual intensa e serviçal: “A falta de experiência com Deus. A falta de prática do que ensina” (formulário 4). Estive com esta irmã, na semana passada, quando realizei conferências teológicas na Faculdade de Brasília. Sendo ela dona de casa, sem formação teológica, perguntei-lhe o que fazia por lá, naqueles dias, na faculdade, porque foi uma surpresa lá encontrá-la. Sua resposta foi esta: “Eu me alimento é nestes eventos” (conversa com TA, FTBB, 4.10.4). É curioso que houve reconhecimento de líderes não ordenados e de pastores de que o pastor precisa de mais conhecimento da Bíblia e amor pelo Senhor.

B., que evito localizar porque na sua cidade há dois seminários, ex-líder de jovens, líder de adultos, presidente em exercício de sua igreja, comentou, no tópico “Se você fosse o relator da Comissão de Sucessão Pastoral...que marcas gostaria de ver na vida dele (pastor)?”: “Que tivesse AMOR PELAS PESSOAS, COMPAIXÃO PELAS ALMAS. Que tivesse o desejo de PASTOREAR” (formulário 7 – as maiúsculas são dele). Cotejando com a resposta 1, vi que B. se queixa da visão pastoral de que ministério é apenas uma forma de ganhar a vida, um emprego como outro qualquer. Ao responder a pergunta 1, sobre a lacuna na vida dos pastores com quem tem vivido, esta foi sua palavra: “Talvez o que mais falta no pastoreio é ter compaixão pelas pessoas. Ovelhas são pessoas. Jesus tinha compaixão pelas pessoas. Olhava suas necessidades e se compadecia, chorava com elas e agia em favor delas. Não existe um modelo de pastor melhor do que Jesus. Será que os seminários têm mostrado isso aos seus alunos?”. Mais à frente, ele volta a falar dos seminários: “Sempre tem exceções (não podemos generalizar nunca), mas me parece que os seminários estão formando mais profissionais do púlpito do que pastores”.

O médico F., do Rio de Janeiro (formulário 24), pediria, caso fosse ele o relator da Comissão de Sucessão Pastoral, as seguintes marcas no futuro pastor de sua igreja: “Um homem que viva uma vida coerente com o que prega, que se dedique com amor e inteligência

a uma vida de oração e de auxílio espiritual aos membros de sua igreja. Que saiba aconselhar com amor, autoridade e sinceridade. Que não seja um simples "fazedor de culto", mas um pastor que saiba identificar as necessidades do seu rebanho e buscar EM DEUS as respostas para as indagações de suas ovelhas. Deveria ter a cabeça no céu, mas os pés na terra". E comentou, no item 4, sobre a relevância do seminário, para formar novos obreiros: "Tenho visto pastores de todos os tipos. Inclusive os estudantes que saíram do Seminário sem descobrir o que é ser pastor. O seminário devia ter capelães que pudessem mostrar de forma prática o que é ser pastor "pastoreando" os alunos. Acho que muitos alunos têm dificuldades por não ter tido bons modelos. O seminário poderia suprir essa lacuna através dos capelães". Ele identifica um problema e dá um diagnóstico: um pastor que fosse modelo. O capelão deveria ser um pastor modelo.

Algo que me impressionou foi que nenhum pastor consultado (32, ao todo), reconhecesse sua deficiência como pastor, no trato com as ovelhas. Na pergunta 1, nenhum deles manifestou estar com dificuldades em ser pastor. As queixas, todas, foram sobre o aspecto cognitivo ou informativo. Até mesmo os mencionados anteriormente (formulários 5 e 6) reconhecem necessidades de conhecimento, nunca de relacionamento ou ação pastoral. O Pr. AS (formulário 8), se queixa da escassez de tempo do curso para ter "preparo filosófico" e "noções jurídicas". O autor do formulário 10, Pr. V., diz: "Poderia se enfatizar ou dedicar mais tempo no estudo das línguas grega e hebraica. Boas noções destas línguas ajudam a preparar bons estudos". Não deprecio estes pastores. São gente de excelente caráter moral e de ilibada reputação. Por isso que os consultei. Sem falsa piedade, sem modéstia fingida, V., por exemplo, tem uma personalidade, como gente, e um caráter cristão que eu gostaria de ter. Mas os aspectos mais importantes para eles eram cognitivos, na área do saber. Líderes não ordenados vêm deficiência na área espiritual e de personalidade.

No formulário 16, a Dra. L., profissional da área de saúde mental, com formação teológica, trabalhando como terapeuta de profissionais de uma grande e respeitada instituição de ensino secular, comenta, na resposta ao que julga ser uma lacuna dos pastores com quem tem vivido: "Creio que deveria haver algum trabalho para fortalecimento emocional desde a formação; um trabalho de 'conscientização' da importância do relacionamento/intimidade com Deus através da prática da oração e leitura da Bíblia individual e espontaneamente". Ela tem ajudado, inclusive, seminaristas com problemas emocionais, muitos deles oriundos das crises surgidas com o curso teológico. Sua palavra é de alguém que tem ouvido relatos de crises de seminaristas e de pastores. Não revelou quem são as pessoas, nem quais as crises, mas ela presta este serviço ao reino.

Recebi dois formulários em que os líderes não pastores se estenderam muito. Um teve quatro páginas e outro, três. As respostas poderiam ser dissertativas e eles aproveitaram isto. Estavam magoados com seus pastores. Foi possível notar que eles e outras ovelhas (os outros de forma mais calma) nutrem uma perspectiva diferente da forma como os pastores vêem o que seja pastorado. Há uma dicotomia de visão aqui. Pastores e ovelhas vêem pastorado de maneira diferente. Creio que aqui reside um ponto que devemos discutir. Pastores vêem como preparo acadêmico, domínio de informações, habilidade para gerenciar a administração eclesial e fazer a máquina funcionar. Ovelhas vêem como ser alimentadas, ser assistidas, ter alguém por perto para ajudá-las. Aqui no meio das duas perspectivas fica o seminário. Ele forma obreiros para as igrejas. Precisa saber como as igrejas pensam e que tipo de obreiros procuram. Sempre defendi que professores e administradores de seminários devem ser pessoas envolvidas com a igreja local. É-me inadmissível um professor de seminário que não esteja integrado em uma igreja local, servindo-a, desempenhando funções de liderança ou de serviço. Professor que ironiza igreja, que zomba dela, que nem a frequenta, é um absurdo.

A visão dos pastores não está errada. Mas a das ovelhas também não! A questão que uma não pode vir em detrimento da outra. Elas devem caminhar *pari passu*. Como disse B., no

formulário 7, as lacunas administrativas do pastor podem ser supridas por membros da igreja. Mas as lacunas de cuidado pastoral, de pregação e aconselhamento, não. Se o pastor falha aqui, a igreja vai mal. Nenhum membro da igreja vai ensinar espiritualidade ao seu líder. Ele espera que seu líder, o pastor, lhe ensine todo o conselho de Deus.

Estando agora em Brasília, vi que a Faculdade tem na coordenação acadêmica uma pessoa que não é pastor. Gostei da visão. Uma pessoa que sabe o que é ser ovelha, que nunca foi pastor, só ovelha, tem boas condições de entender para onde a educação ministerial deve caminhar. E é uma mulher. Mas não ignora o que seja pastorado, pois além de ser filha de um grande pastor, já na glória, é ovelha. Que Deus a abençoe no seu trabalho e que ela saiba sinalizar aos futuros líderes o que as pessoas como ela esperam deles.

Creio que as igrejas devem ter isto já arraigado em sua mente: os seminários formam obreiros para as igrejas. Não adianta dizer que seminário não forma pastor. Para muitas delas soa como desculpa. Porque se não formam, parem com esta conversa de “casa de profetas”. E os seminários devem estar atentos aos clamores das igrejas. Minha pesquisa foi pequena. Mas tenho ouvido muitas pessoas se queixarem de seus pastores. Muitas de minhas ovelhas devem se queixar de mim, também. Reconheço. Mas sou o primeiro a reconhecer que, quando cheguei ao seminário, com 19 anos, eu deveria ter sido pastoreado. Para dar bons obreiros às igrejas, o seminário precisa trabalhar para que pedras brutas que lhe chegam sejam lapidadas. A visão pastoral dos seminários poderia ser mais eficiente.

#### OS PASTORES CONCORDARÃO COM ISTO?

Comentei que fiquei impressionado com o fato de quase todos os pastores não observarem suas lacunas como suas ovelhas as observaram, e sim pelo ângulo de lacunas intelectuais. Mas ao serem perguntados sobre que tipo de pastor auxiliar procurariam, todos caminharam pela trilha de virtudes pastorais, não intelectuais. Curioso. Os pastores se vêem como tendo lacunas intelectuais, mas pedem auxiliares que não tenham lacunas relacionais, de caráter e de espiritualidade. Não enfatizam nos auxiliares aspectos cognitivos ou intelectuais. Aquilo de que sentem falta não sentem falta num auxiliar. Será que o que pedem do auxiliar não sentem falta em si?

Um obreiro do Ceará (formulário 11), respondeu que gostaria de um auxiliar com esta característica: “A integridade na pregação e a prática da palavra de Deus”. O Pr. D., de S. Paulo, reconheceu sua lacuna na parte organizacional. Queixou-se de ter recebido pouco ensino sobre fidelidade denominacional. Por formação anterior à ida para o seminário, ele é doutrinariamente fiel. Ele acha que foi pouco trabalhado na área de fidelidade denominacional. Foi um que compatibilizou sua lacuna com o que esperava do possível auxiliar, mas em segundo lugar: “1) Ética para com o pastor titular; 2) Fidelidade bíblica e doutrinária; 3) Conhecimento; 4) Qualidade na oratória; 5) Testemunho pessoal”. O conhecimento que tenho deste obreiros e as informações que me chegam dele mostram que ele é e pratica o que esperou.

Um obreiro do Sudeste (formulário 13) pediu estas marcas de um auxiliar: “Vida cristã/consagrada, caráter. Alguém que ame o ministério, e não o exerça por mero profissionalismo. Alguém comprometido com as Escrituras, que transmita às minhas ovelhas o conteúdo real do Evangelho”. Ele se queixa de não ter recebido acompanhamento no seminário, no tocante à sua vida espiritual. Um problema sério, que os seminários devem enfrentar, é este: a formação espiritual dos seus alunos. Eis a observação deste pastor, obreiro bem sucedido e equilibrado, mas, segundo ele, a duras penas, tendo aprendido isto sozinho: “Muitos têm a tendência de sair dali ‘incrédulos’, pois são desafiados por questões/problemas inquietantes da Bíblia”. Ele acha que a reflexão teológica não pode ser omitida, mas se queixa da falta de acompanhamento espiritual. É a questão de uma capelania que não se resume a dirigir os cultos, mas que pastoreie o pastor. Creio que esta é uma



responsabilidade do seminário: ter um pastor que pastoreie o futuro pastor e com tal eficácia que seja um parâmetro para o futuro pastor. Hoje se fala muito de mentoreamento. Creio que este é um desafio ao seminário, o de mentorear seus alunos para formar neles um caráter cristão.

Conto um episódio sucedido há anos. Numa reunião de corpo docente de um seminário, os professores discutiam o que fazer com alguns alunos que eles julgavam problemáticos, que não se enquadravam na fôrma que o seminário queria lhes impor. Eram bagunceiros, jogadores de lata pelo corredor, davam o famoso banho a toda hora, etc.. Dois dos não enquadrados são hoje pastores de expressão nacional. A sugestão foi expulsar os dois. O professor Dr. K., que me contou a história, fez uma pergunta: “Será que esses moços não estão agindo assim por frustração? Estão aqui para serem pastores e buscam modelos, mas não encontram? Qual de nós está realizando um ministério empolgante que lhes sirva de referencial?”.

Creio que tudo isto pode se resumir ao que V., do Ceará (formulário 11), e o Pr. H., do Rio (formulário 15) comentaram: “necessidade de discipulado”. É curioso que o método de preparo adotado por Jesus não seja mais o adotado pelos seminários. Ele discipulou seus seguidores. Muitos seminários apenas dão aulas. É uma visão platônica, de que saber é ser. Mas saber não é ser. É apenas ter informações. Creio que este é um dever do seminário para com as igrejas: a formação de obreiros com uma visão mais espiritual e serviçal do ministério. O seminário deve entregar às igrejas obreiros que tenham sido trabalhados espiritualmente. Não respondi ao formulário, mas eu mesmo lamento não ter tido um pastor no seminário, nem que fosse para sentar comigo e me corrigir de muitos defeitos que ainda carrego e dos quais tento me livrar. Eu gostaria de ter sido discipulado ou mentoreado.

A pergunta, se os pastores concordarão com isto, não é a questão principal neste tópico. Foi apenas para chamar a atenção para a visão dos pastores. A questão principal aqui é verificar como o seminário pode agir aqui. E deixo uma resposta ao tema geral: os seminários devem às igrejas a entrega de gente não apenas bem informada, mas de gente bem formada, equilibrada, espiritualmente madura.

#### ESPIRITUALIDADE NÃO É PIEGUICE, É NECESSIDADE

Em alguns lugares, a opção é mais ou menos esta, em termos gerais e pouco elegantes: ou o seminarista é um intelectual e herege ou é espiritual e *nerd*. Infelizmente ainda existe a noção de que espiritualidade é falta de intelectualidade. Ainda há seminários onde se zomba da piedade do aluno que chega e ele é submetido à pressão para experimentar crises, mesmo que não as tenha. Volto à opinião de um obreiro do Sudeste (formulário 13): “Muitos têm a tendência de sair dali ‘incrédulos’, pois são desafiados por questões/problemas inquietantes da Bíblia”. Ao sair do seminário, o aluno deveria sair fortalecido na fé e nas suas convicções. Isto deveria ser um processo, durante o curso. Ele deveria crescer durante seu curso. Volto a uma frase do formulário 3: “Tenho observado que os atuais pastores têm uma fraca convicção da pessoa de nosso Jesus Cristo...”. Ora, um pastor do rebanho de Cristo que pregue o evangelho de Cristo não pode falhar neste ponto. Stott disse do apóstolo Paulo: “Paulo era um homem intoxicado de Cristo”. O seminário deveria intoxicar a pessoa de Cristo.

Isto é notado pelos próprios pastores. Um deles, no formulário 19, o Pr. L., comentou que a lacuna que sente foi “a ausência de uma filosofia de ministério”. Em conversa posterior, comentou que saiu do seminário sem saber o que fazer. Não foi preparado para o ministério, inclusive no cultivo de uma vida devocional. Disse-me que não aprendeu a valorizar. Eis sua observação: “A grade curricular tinha a proposta de formar mão de obra para a denominação”. A sensação de ter saído sem condições de exercer o pastorado está na observação de muitos. Este mesmo pastor fala de mentoreamento. Eis sua observação: “Eu hoje penso que o melhor seminário é a própria igreja.

Depois, o aluno pode passar em uma instituição e pegar um canudo. Mas tudo começa na igreja local com mentoria, acompanhamento e visão. Tenho trabalhado assim aqui em \*\*\*\*\*. Qualquer pessoa para seguir para um seminário precisa comunicar-me isso com anos de antecedência. Olhamos o seu perfil de servo, vida com Deus, família, desempenho, etc. Faço um acompanhamento individual. Eles dedicam semanalmente algumas horas para sentar comigo. Recebem textos, livros, enfim, mentoria. Minha esperança é que ao chegar em um seminário essa pessoa possa dar prosseguimento”. Ele se queixa de que os seminaristas não recebem instrução adequada em termos de virem a ser líderes capacitados. Segundo ele, no seminário há apenas a preocupação com a transmissão de informações, não com o caráter do obreiro. Infelizmente, sem julgá-lo, noto que na sua observação se nota uma certa desconsideração para com o valor do seminário. Serve apenas para legitimar, oferecendo um canudo. O seminário deve mostrar que é lugar de vida, de formação de liderança sadia e equilibrada.

Parece-me que teremos uma nova tendência daqui para a frente: seminários de igrejas tendem a proliferar. Um ex-membro de minha igreja foi para uma outra igreja, que abriu um seminário. Sua observação, quando lhe falei da Faculdade de Campinas foi a de que não queria “esse tipo de estudo”. Ao mostrar-me o currículo do seminário da igreja para onde se transferiu, notei que era um EBDzão. Não é o caso do colega citado no parágrafo anterior. Sua proposta é preparar espiritualmente e em termos de visão de igreja e serviço os vocacionados de sua igreja antes de os mandar a um seminário. Mas está implícita uma desconfiança na capacidade do seminário em dar esta visão ao aluno. Mas me preocupa esta atitude. Creio que é algo a se pensar. Estaremos fragmentando mais recursos.

De Brasília, E., formada pela FTBB, com outros cursos superiores na sua vida, diz que se fosse relatora da Comissão Sucessão Pastoral gostaria ver esta marca na vida do pastor a convidar: “Caráter cristão comprovado e vida de oração e jejum” (formulário 20). Um pastor, cujo nome não ficou registrado, pediria de um pastor auxiliar: “Irrestrita lealdade a Cristo e sua causa. Conhecimento e convicções cristãs e batistas. Caráter cristão comprovado” (formulário 21). Um executivo de multinacional, de Campinas, tem esta ordem: primeiro, caráter cristão; depois, formação acadêmica. Explicou-me que caráter cristão é essencial, mais que formação acadêmica. Não quer ouvir aulas teóricas, mas quer saber que quem está no púlpito é um homem de Deus. Parece-me que volta aqui um choque que não deve existir, entre piedade e erudição. Por algum motivo, o povo confunde o erudito com alguém sem piedade. Ou a erudição cristã não tem sido exibida de maneira a se ver que ela é existencial, e não apenas cognitiva. Mas estas duas observações caminham lado a lado. Impressionou-me a palavra de E.: oração e jejum. Isto não se menciona em seminários, como prática de vida ministerial. A questão de jejum, creio, não é motivo de ocupação de tempo em seminário.

O autor do formulário 22 fez uma observação muito pertinente: “De qualquer maneira, a visão de seminário na vida de um crente me agrada justamente por ser uma prova de compromisso com o nosso Deus”. Ele crê que ir para um seminário é assumir um compromisso com Deus. e continua seu argumento: “Creio que esta visão falta também aos seminários, de que ali eles não estão educando a sucata dos eliminados nos demais vestibulares, mas que ali é o lugar das melhores e mais preparadas pessoas para o exercício da educação”. Seu entendimento é que o seminário deve receber as pessoas de melhor nível espiritual. É um crente consagrado, morando na Amazônia. Quando lhe perguntei, depois de uma conversa pessoal, porque não se decidira pelo ministério, insinuou que lhe falta qualificação espiritual. Isto me impressionou. Ele respeita a figura do pastor, a do seminarista, respeita o seminário, e vê o vocacionado como uma pessoa de alto nível espiritual. Mas está chocado com o nível do ministério, que ele julga baixo. Curioso: ele respeita o vocacionado e o seminário, mas se queixa do produto final do seminário. Para ele, um seminário reconhecido pelo MEC não é relevante, mas sim um com forte ênfase bíblica e forte ênfase

filosófica. Esta segunda, de acordo com ele, que está terminando seu curso de mestrado em área científica, é necessária para analisar o mundo secular pela Bíblia. Isto é muito bom. A Bíblia não perdeu o encanto para os crentes nem deixou de exercer fascínio sobre eles. Mas perdeu o encanto para muitos pastores, sobre os quais não exerce mais fascínio. Devemos ponderar isto. Será que o seminário teve parte nisto? Se não teve, será que não deveria criado uma paixão pela Bíblia que acabaria sendo um anticorpo que imunizasse contra este vírus?

A quase totalidade dos respondentes que não são pastores coloca a ênfase bíblica e a ênfase missionária como sendo as características dos seminários que os levariam a indicar alguém chegado ou a um filho. Apenas dois pediram um seminário reconhecido pelo MEC. E ambos são professores. Parece que os demais estão associando o reconhecimento pelo MEC com a secularização da instituição e perda de espiritualidade. Creio que este é um ponto que os seminários deverão esclarecer bem às igrejas para dirimir suas dúvidas. Uma coisa nada tem a ver com a outra. As igrejas estão querendo pastores mais espirituais, com mais conhecimento bíblico, amor pela evangelização e missões. O seminário deve investir na formação espiritual de seus alunos e deve mostrar que o reconhecimento não implica em diminuição da espiritualidade.

O cultivo de vida espiritual no curso teológico não pode ser desconsiderado pelo seminário. Não se pode pensar que o reconhecimento pelo MEC significa perda de espiritualidade. Nem que o cultivo da espiritualidade significa transformar o curso em uma EBD. Mas para os líderes não pastores, vida espiritual, conhecimento da Bíblia e paixão por missões e evangelização são os valores mais prezados. O seminário deve investir nesta área. Tenho ouvido queixas de muitos líderes de que o nível espiritual do ministério está baixo. Não posso avaliar nem quero afirmar as queixas. Isto seria efetuar juízo de valor sobre meus colegas. Mas registro as reclamações.

#### E FILOSOFIA DE MINISTÉRIO?

Muitos pastores apenas realizam cultos, sem qualquer projeto de trabalho bem delineado. Não têm rumo algum porque não têm uma filosofia de ministério. Outros têm uma filosofia de ministério. Não pensei em avaliar a filosofia de cada um, até mesmo porque isto é uma questão que depende muito de estilo de cada um, mas procurei saber onde cada um assimilou. Alguns deixaram o item 6, sobre este assunto, em branco. O propósito era saber quem “faz a cabeça” de nossos pastores. Nossos seminários ou outras instituições? Nossos seminários têm peso neste aspecto?

Podia haver duas respostas. E estes foram os resultados:

1. No seminário onde estudou: 24
2. Com colegas: 14
3. Congressos denominacionais: 4
4. Congressos interdenominacionais: 5

Isto me surpreendeu. Eu mesmo pensava que instituições como Sepal, Hagai e a falecida Vinde estivessem fazendo a filosofia ministerial de nossos pastores, mais que nosso próprio ambiente. Mas só cinco registram esta opção, a de congressos interdenominacionais. Os congressos denominacionais foram apontados apenas por quatro pessoas. Isto deve nos fazer pensar. Não creio que os congressos denominacionais não tenham valor. Não julgo que seja esta a interpretação a dar. Talvez os congressos sejam pouco divulgados. Esta pode ser a resposta. Catorze respondentes aprenderam de colegas. Mas cometi uma falha aqui. Deveria ter sido específico e assim, porque não fui, não posso saber se foram colegas batistas ou de outras denominações. Se eu fosse responder, “com colegas” seria uma das opções. E foram colegas batistas que me ensinaram, como Júlio Borges de Macedo Filho e Dewey Mulholland. Mas não posso presumir que isto estivesse na mente

dos respondedores, de que a resposta se limitasse a colegas batistas. No entanto, não creio que isto prejudique significativamente minha pesquisa.

A maior parte indicou que aprendeu sua filosofia no seminário onde estudou. Ora, a maior parte dos pesquisados já tem algum tempo de ministério pastoral, o que significa que a influência do seminário ainda perdura em sua vida. Achei isto muito positivo. Não me parece que o seminário não seja significativo na vida dos pastores. Parece-me que é e muito. Quem acha que o seminário não está tendo peso na visão pastoral deveria pensar sobre isto.

Assim sendo, vemos que o seminário tem um peso na formação dos pastores que não pode ser minimizado. Não posso avaliar a qualidade dos ministérios dos que responderam, mas procurei pessoas sérias, bem intencionadas, gente que está construindo. É isto que interessa: as pessoas deste tipo receberam sua maior influência dos seminários. Não é verdade, como disse alguém, que “seminário não forma, mas deforma pastor”. Isto é uma injustiça com seminários e diretores e professores sérios, que vêm seu trabalho como seu ministério. Se, eventualmente, alguém destoa, é exceção e não regra.

O próprio seminário precisa explorar mais este aspecto. Tive uma surpresa, em março deste ano. Estive como um dos preletores a um congresso de pastores em S. Catarina, a pedido do Pr. Izaías Querino, falando sobre pastorado. Expus minha filosofia de ministério pastoral e como Deus a usou no pastorado que ora exerço, para fazer caminhar uma igreja que há cerca de quinze anos patinava no mesmo número de membros e na mesma visão de ministério (melhor dizendo, ausência de visão). Estamos com o desafio da construção de novo templo, para 1.670 pessoas, e no bairro que é uma *grife*, em Campinas, o Cambuí, um bairro da classe média alta. Uma das coisas que deixei claro é que não copiassem o modelo de atividades porque nossa situação é específica. Nosso público a alcançar é composto de pessoas de grau universitário, muitas com o que se chama de “quarto grau”, de alto poder aquisitivo, e de um tipo do interior de S. Paulo. Campinas não é capital, mas não se julga nem parece interior. Nossa proposta de trabalho foi criada através da análise de nosso contexto e de longa reflexão de como evangelizar o bairro. Mas vários colegas pediram que lhes enviasse a cópia da filosofia de ministério. Sem querer ser melhor do que ninguém, vi (e foi isto que alguns me disseram) que muitos colegas não tinham uma filosofia de ministério. Não posso dizer que o seminário deva criar uma disciplina com este nome, mas creio que a visão do ministério pastoral é algo que tem valor, tanto que alguns a buscam, e que os que a têm, fizeram-na, na sua maior parte, em seus seminários.

Creio que este é um dever do seminário: dar um rumo, dar balizamento, em termos de filosofia de ministério pastoral, aos seus alunos. Ser pastor é mais que fazer cultos e esperar que um dia alguma coisa aconteça. É ter uma linha de ação a seguir. Isto é mais que ter um programa de ação. Ter uma filosofia de ministério é ter diretrizes que norteiem seu programa de ação. É o suporte ideológico da ação pastoral e eclesial.

Seminário não forma pastor. Mas a denominação exige que os pastores passem por seminário. E eles passam. E precisam aprender no seminário a criar uma filosofia de ministério, que inclua o reconhecimento de seus dons e habilidades, a criatividade, a capacidade de adaptação e outros pontos. Há pastores que têm apenas um modelo único de trabalho, sendo incapazes de se adaptar a uma nova cultura, a uma realidade social e cultura diferente. Por vezes o modelo foi copiado de outra realidade ou de alguém que tenha habilidades e dons diferentes dos seus. Não importa aonde cheguem ou que tipo de igreja pastoreiem. A igreja deve se adaptar à sua visão. Trabalhei em S. Paulo, capital, Brasília, Manaus, e agora Campinas. Quatro realidades diferentes. Em nenhuma das igrejas segui a linha que obedeci nas outras. Mas aprendi a duras penas. Meu primeiro ministério durou dois anos e foi horrível. Um dia voltei à igreja e pedi desculpas por ter

sido um mau pastor. Saí do Rio, como carioca nascido na Praça Mauá, num domingo de carnaval, e fui pastorear no interior de S. Paulo, a 886 km de distância. Quis adaptar a igreja e a cidade à minha visão. Apanhei muito para aprender a me aculturar. Acho que me aprendi um pouco, pois a segunda igreja que pastoreei pensou, pela terceira vez, no meu nome para seu pastorado, neste ano. Mas o fiasco do primeiro pastorado ainda me envergonha.

Pensamos em missões transculturais como sair do Brasil para ir para a África ou sair do espaço urbano para uma aldeia indígena. De Campinas para S. Paulo, 90 quilômetros de distância, a cabeça do povo é outra. Já fui paulistano, hoje sou campineiro. Meu pastor auxiliar me expôs a razão de eu estar acertando no pastorado do Cambuí: “Chefe, o campineiro é posudo, metido, arrogante e elitista. Mas o senhor vai se dar bem aqui, porque tem o perfil do campineiro”. E continuamos amigos. Mas, voltando ao assunto, até mesmo em S. Paulo, a cultura da Zona Oeste é diferente da cultura da Zona Leste. O seminário precisa ensinar o aluno a pensar, a ter maleabilidade cultural, a nutrir uma flexibilidade programática.

Ensinar uma filosofia de ministério passa por aqui: ensinar a pensar, a criar, a se adaptar. O seminário não deve produzir produto em linha de montagem, em série, mas estimular a individualidade. Por esta razão, vejo pouca possibilidade de sucesso numa grande curricular e em conteúdo programático geral, no Brasil. As necessidades da Faculdade Batista de Teologia do Amazonas não são as mesmas da Teológica de S. Paulo. Em Manaus cheguei a sugerir que primeiros socorros fosse uma disciplina incluída na grade. Levar o aluno a saber produzir uma filosofia de ministério para subsidiar seu programa de ação exige que o seminário tenha bem delineada uma filosofia de educação. O que o seminário pretende? Ele conhece a realidade do campo onde está localizado? Creio que precisaremos ter muito cuidado aqui. Os currículos e o conteúdo programático serão estabelecidos mais em função do MEC ou das necessidades dos campos onde o seminário está estabelecido? Não sou contra o reconhecimento pelo MEC. Apenas peço para pensarem neste ponto, que não pode ser olvidado. Uma filosofia de ministério do aluno demanda que o seminário tenha uma filosofia, também.

#### PRESTANDO SERVIÇO ÀS IGREJAS

Um dos itens da pesquisa, nos dois tipos de formulário, foi “Na vida de sua Igreja, que contribuição você julga poderia ser fornecida pelo seminário?”. As respostas foram animadoras. Ninguém achou que o seminário não tinha nada a oferecer às igrejas. Todos os pesquisados manifestaram compreensão de que esta parceria seminário e igreja, em termos dele oferecer algo a ela.

Não respondi às minhas perguntas, mas expressei o que experiencio em minha realidade eclesial. Após anos, creio que por mais de uma década, patinando entre 210 a 230 membros, a Igreja do Cambuí, depois de efetuar um recadastramento em que eliminou cerca de 100 nomes e após ter organizado uma outra igreja com 74 membros, está na casa dos 400 membros. O deslanche no seu crescimento começou um ano antes de eu chegar, com a gestão do pastor Benjamin Geho. Foi ele quem deu a partida no processo. E isto que ora apresento não é estimativa, é estatística: 2/3 da membresia da igreja estão lá há menos de 6 anos. A maior parte entrou pelo batismo, sendo, portanto, de crentes novos. Boa parte da liderança que sustentou a igreja no passado saiu quando das crises anteriores. Nossa maior necessidade, junto com a de espaço (nosso templo é um ovinho, comportando apenas 320 pessoas), é a de liderança. Estamos pensando em oferecer um terceiro culto, aos domingos. Mas para isto precisaremos de mais pianistas, regentes, organistas, recepcionistas, dirigentes de culto infantil, operadores de som e outros mais. Pessoalmente, terei um sermão a mais a preparar, o que significa que terei que arranjar mais tempo, o que, obviamente, implica em transferir tarefa a alguém que precisará ser treinado para desempenhá-la. Temos nos valido muito dos simpósios de treinamento oferecidos pela Faculdade Teológica Batista de S. Paulo

e de Campinas. Chegamos a enviar onze pessoas, uma só vez, a um treinamento em S. Paulo. Eu mesmo fui a um treinamento. Batizei um engenheiro e um contador que se sentiram vocacionados para trabalhar com presidiários. Estamos para realizar um convênio com a Prefeitura Municipal de Campinas visando colocar os ex-egressos no mercado de trabalho. Reunimo-nos na semana próxima, com esta finalidade. Ignoro por completo como capacitar estes irmãos com este chamado tão delicado. Tenho ajudado com meu apoio, com minhas orações e levando a igreja a apoiá-los. Mas não sei como treiná-los. O Pastor Paul Vandoros, que trabalha nesta área, na Capital, irá a nossa igreja para pregar, esclarecendo a igreja sobre este ministério e ministrará um curso para estes irmãos e seus auxiliares. Há muitas lacunas na preparação de obreiros não ordenados que a seminário pode ajudar a preencher.

Esta possibilidade de parceria em treinamento é útil para as igrejas porque as faculdades e seminário são vistos pelos crentes como sendo centros de capacitação de liderança. O membro de igreja se sente valorizado e tem sua estima aumentada em dizer que está estudando no seminário. Para o seminário, esta possibilidade dá-lhe oportunidades de ser útil às igrejas e abre as portas para fontes de recursos financeiros. Creio que é uma oportunidade que pode ser explorada. Porque, do ponto de vista econômico, não basta cortar gastos. É preciso criar fontes de receita. E aqui está uma possível fonte de receitas.

O respondedor enumerado com 23 deixou esta observação: “O Seminário deveria oferecer cadeiras livres de interesse dos leigos, com ênfase em matérias práticas: administração eclesiástica, finanças, didática, diaconato, sociedade e cultura, história da igreja, geografia bíblica, etc.”. Ele é diácono e professor de Escola Bíblica Dominical. JL (formulário 25), universitária na área de História, e que tem desejo de crescer espiritualmente, segundo um e-mail que acompanhou o formulário, respondeu: “Não apenas na formação de pastores, mas também para a melhor qualificação da Escola Bíblica Dominical”. RW (formulário 27), engenheiro da Embraer, em S. José dos Campos, respondeu: “O seminário poderia promover cursos para formação de líderes da EBD e de núcleos de estudos bíblicos. Poderia também permitir a realização de matérias isoladas para os membros da igreja. O custo seria do interessado”. Ele abre as portas de sua casa para um núcleo de estudos bíblicos e dirige um na própria Embraer. Por vezes me envia alguns de seus estudos e me pede opinião sobre eles. Se ele estudasse em um seminário seus estudos poderiam melhorar sensivelmente. Alguns deles trazem mais problemas que soluções. Falta-lhe treinamento. E ele está em área profissional em que pode exercer influência em uma importante classe de profissionais.

Perdi o nome do autor do formulário 29, mas ele comentou assim esta pergunta: “Alguns anos atrás, equipes de seminaristas eram enviadas para trabalhos evangelísticos, principalmente em igrejas pequenas. Não sei se ainda existe este tipo de atividade”. Ele pára por aqui, mas dá para entender que pensa no seminário enviando gente para campanhas de evangelização nas igrejas pequenas. O autor das respostas do formulário 9 pede cursos para tesoureiros e para “a orientação da administração financeira”. O formulário 13 pede “o oferecimento de cursos para líderes de diversos ministérios (adolescentes, jovens, crianças, etc.)”.

Respeitosamente quero apresentar um problema que me afetou e que tem afetado algumas igrejas, sem querer denegrir as instituições envolvidas. Jovens da minha igreja participaram de um simpósio em que uma das disciplinas oferecidas era a respeito do uso de coreografia no culto. Voltaram entusiasmadas, mas esta atividade não faz parte de meu estilo de culto. Não sou ditador, mas a igreja aceitou meu estilo e também não se empolga com esta atividade. Como meu relacionamento com as jovens é muito bom, chegamos a um acordo. Elas praticam isto em reuniões de jovens, mas não no culto geral, pois entendo que o culto deve unir a igreja e não criar dissensões. Mas um pastor comentou comigo que teve problemas com as pessoas que foram. Não me compete

estabelecer critérios para os seminários, mas penso que a voz dos pastores e das igrejas precisa ser ouvida. O seminário não pode ser autista. O seminário não pode simplesmente presumir que a igreja precisa disto e daquilo, no velho estilo auto-suficiente da máquina burocrática, que empurra para as igrejas o que ela pensa que as igrejas devem receber.

Outro formulário, enumerado como 30, de pastor brasileiro trabalhando no exterior, traz esta resposta: “A prestação de alguns serviços: cursos breves de formação para líderes de EBD, de música, de adolescentes e jovens, de atuação na área social e beneficência, envolvimento com área missionária da denominação”. Não penetrei no sentido desta última afirmação, mas gostei da expressão “A prestação de alguns serviços”. Creio que o seminário precisa se manter bem próximo da igreja local e se ver como uma instituição que pode lhe prestar serviços. Isto faria com que diminuíssem muitas das críticas que as igrejas fazem aos seminários, algumas justas e outras, não. E faria com que as igrejas fossem vistas como campo de serviço para o seminário.

NK, crente experiente, consagrado, de ascendência nipônica, economista envolvido em vários setores da administração denominacional, estendeu-se sobre esta questão. Mas tudo o que ele diz é muito sensato. Eis suas palavras, no formulário 31: “Tenho dificuldade, *a priori*, de responder a esta pergunta. Eu creio que a Igreja deveria ser um autêntico seminário. Teoricamente os seminários seriam desnecessários, pois deveríamos agir como os bereanos. Vamos notar que no NT a instrução do obreiro era feita na igreja local. A igreja do NT não tinha estrutura hierárquica e nem organizacional, mas tinha os dons, *máxime* o dom de ensino. Hoje o seminário é imprescindível, em razão dos novos tempos. Entendo que existem responsabilidades mútuas entre igrejas, pastores, denominação e seminários. Entendo também que o seminário existe para servir as igrejas. Assim como nas universidades seculares, o seminário deveria ter uma espécie de ‘centro de pesquisas’ avançado, disponibilizando os resultados (estudos) às igrejas (via Internet, periódicos e livros), mantendo uma constante comunicação com as nossas igrejas e incentivando os membros a que leiam mais, não para obter mais informações, mas para uma formação genuinamente batista (cristã). Temos dificuldades de achar bons livros nas livrarias evangélicas, pois a maioria trata de assuntos irrelevantes, além de autores de origem duvidosa”.

Ele me fez pensar num aspecto que eu não ponderara anteriormente: o seminário como centro de difusão de boa literatura. Há livros que são atentados ecológicos, quando se pensa que para serem eles editados, algumas árvores foram derrubadas.

Todas estas observações têm um ponto em comum: o reconhecimento da necessidade de maior aproximação entre seminário e igreja. Isto foi sentido por JM, de Roraima (formulário 32): “maior aproximação dos Seminários com as igrejas, maior envolvimento dos seminaristas com as igrejas”. Esta segunda parte deve ser levada em conta principalmente porque alguns alunos custeiam seus próprios estudos e assim, não dependendo financeiramente das igrejas, julgam que não lhe devem contas de seus estudos. O Pr. F., de Brasília, em conversa comigo (ele não respondeu ao formulário) disse que faz questão de se reunir com os seminaristas, independente de ajuda financeira ou não da igreja, e prescreve que eles devem dar o tempo de sábado em serviço na igreja. Creio que o seminário não pode prescindir de uma avaliação do seminarista feita, anualmente, pelo pastor ou pela igreja. Mesmo que o seminarista custeie seus estudos, ele está sob a autoridade de uma igreja. E o seminário presta serviços às igrejas. Mas o que desejo ressaltar é que me parece que está na hora de cessarem as queixas das igrejas com respeito aos seminários. E eles devem mostrar que estão atentos para superar o que elas entendem como falhas.

Da mesma maneira, há queixas de seminários contra as igrejas. Há um ponto que devo ressaltar. Os seminários não façam seus alunos nas ruas. Eles lhes são enviados pelas igrejas. Alguns deles, quando estive na administração de seminário, me faziam lembrar do episódio de

Eliseu chorando diante de Hazael, em 2Reis 8.11-12: “Eliseu ficou olhando fixamente para Hazael até deixá-lo constrangido. Então o homem de Deus começou a chorar. E perguntou Hazael: ‘Por que meu senhor está chorando?’ Ele respondeu: ‘Porque sei das coisas terríveis que você fará aos israelitas’”. Há seminarista que ao olharmos para ele sabemos das coisas terríveis que fará à igreja. Mas são enviados por uma igreja!

Quando fui para o seminário, o momento de recomendação de um seminarista era um instante solene, empolgante, na vida da igreja. Era comovente. O seminarista recebia enxoval, era motivo de oração, era visto como alguém diferente. Hoje está tão banalizado que se envia sem muita análise. Certa vez, desliguei um seminarista que chegou embriagado, pela terceira vez, às aulas, gritando palavrões e dizendo obscenidades às moças. Tomei uma medida absolutamente acertada e necessária. Comprei uma briga com a liderança da igreja, que não aceitava que eu agisse assim, denegrindo um dos seus filhos. O seminário precisa esclarecer mais as igrejas sobre o que significa ser um seminarista. Ele não é apenas mais um aluno de mais um curso superior. Ele é diferente de outros universitários. É uma pessoa que se diz vocacionada por Deus, sendo treinada para servir a Deus, e que trabalhará na liderança de uma igreja de Deus. Recomendar uma pessoa a um seminário é um ato solene, cuja seriedade deve ser recuperada. Compete ao seminário fazer isto. Agindo assim, ele estará se valorizando, também. Não está à procura de gente, mas recebe gente que deve ter certas qualificações espirituais e morais.

A soma de tudo exposto neste tópico pode ser resumida nestas palavras: o seminário deve se chegar mais às igrejas, chamá-las para serem parceiras e não apenas fornecedoras de material humano.

## CONCLUSÃO

O que pude produzir foi isto. Uma outra pessoa que fosse incumbida poderia produzir algo muito melhor. Mas fiz com sinceridade e com seriedade. Permitam-me voltar ao que comentei no início, falando de meus sentimentos. Tenho mais de uma vocação e ando sempre em crise, entre as duas. Amo o pastorado. Amo a educação ministerial. Quero o melhor para as igrejas e o melhor para os seminários. Tenho a sensação de que Deus está para realizar uma grande obra em nossa denominação, em nossas igrejas. E creio que os seminários terão papel preponderante nisto. Nem de longe me passa pela cabeça o pensamento de que o trabalho feito em nossos seminários não seja feito com seriedade. Mas trago esta palavra: cada um de nós deve reconsagrar diante do Senhor o seu dom e seu ministério, seja o pastoral, seja o de música, o de ensino, o de administração. E devemos buscar um entendimento que nos leve a ver-nos como parceiros, caminhando no mesmo ideal. O seminário deve ser objeto de atenção, de carinho e das orações das igrejas. E deve ver as igrejas como a instituição a que devem servir. Estas palavras podem parecer inócuas ou chuva que cai no molhado. Mas por trás delas está um desafio a darmos o melhor de nós, a vermos o outro como superior e a quem devemos servir. Um desafio a preparar bons obreiros para termos boas igrejas que produzam bons crentes que enviem aos seminários para serem bons alunos para serem bons obreiros. Um ciclo de cooperação que não se interrompa e que se realmente constantemente.

Era isto o que tinha a dizer e o que pude preparar.